

PESQUISA COLABORATIVA EM EDUCAÇÃO

Collaborative research in education

Fabiana Goveia Gava – UFSCar/Sorocaba*
Milena Trude Lima Giacomel da Rocha – UFSCar/Sorocaba**
Vanessa Ferreira Garcia – UFSCar/Sorocaba***

Resumo: O presente artigo tem como objetivo discutir o campo conceitual, etapas e eixos procedimentais da pesquisa colaborativa no campo da educação. Trata-se de um estudo exploratório, de abordagem qualitativa centrado na revisão de literatura especializada, destacando-se como fontes centrais as obras de Ibiapina (2008, 2016), Magalhães (2007, 2011), Ferreira (2009) entre outros. Essa abordagem cunhada de Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) é enfatizada como uma das estratégias de abordagem qualitativa na qual, a participação não é reduzida à simples cooperação, conseqüentemente a sensibilidade de todos os atores, pesquisadores e participantes, torna-se o eixo de nucleação dos significados e percepções a partir do objeto de estudo. Na área de formação de professores a pesquisa colaborativa projeta-se como significativa ferramenta para compreensão e desvelamento de mundo que são construídas na escola e seu contexto e na formação docente inicial e continuada.

Palavras-chave: Pesquisa colaborativa. Pesquisa qualitativa. Formação de Professores.

Abstract: The objective of this article is to discuss the conceptual field, stages and procedural axes of collaborative research in the field of education. It is an exploratory study, a qualitative approach centered in the revision of specialized literature, highlighting as central sources the works of Steve (2008, 2016), Magellan (2007, 2011), Flag (2016), among others. This critical collaborative research approach (PCCOL, in the portuguese acronym) is emphasized as one of the strategies of qualitative approach, in which participation is not reduced to simple cooperation. Consequently, the sensitivity of all actors, researchers and participants becomes the axis of nucleation of the meanings and perceptions from the object of study. In the area of teacher training the collaborative research projects itself as a significant tool for both understanding and unveiling of the world, which are built in the school and its context and in the initial and continuing teacher formation.

Keywords: Collaborative research. Qualitative research. Teacher training.

INTRODUÇÃO

De ubuntu¹...: “Eu sou porque nós somos”. Eu sou humano, e a natureza humana implica compaixão, partilha, respeito, empatia... (Dirk Louw)

A partir da epígrafe apresentada estabelece-se um diálogo com a proposta da pesquisa colaborativa, o senso “Ubuntu” do aprendizado partilhado, da troca, da construção de saberes e possibilidades em grupo, do aprender a ouvir o outro. Buscam-se nas manifestações das diferentes opiniões e tensões,

* Mestranda em Educação pela UFSCar campus Sorocaba/SP e orientadora pedagógica na rede municipal de ensino de Sorocaba/SP. E-mail: gavafabiana@gmail.com.

** Aluna Ouvinte do Programa de Pós-Graduação em Educação pela UFSCar campus Sorocaba/SP e professora de educação básica II em cursos livres de idiomas em Sorocaba/SP. E-mail: milenatrude@yahoo.com.br.

*** Mestranda em Educação pela UFSCar campus Sorocaba/SP, especialista em Psicopedagogia e professora de educação básica I – Educação Infantil na rede municipal de ensino de Sorocaba/SP. E-mail: vanessafgarcia2011@hotmail.com.

¹O sentido de *ubuntu* está resumido no tradicional aforismo africano “*umuntu ngumuntu ngabantu*” (na versão zulu desse aforismo), que significa: “Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”, ou “eu sou porque nós somos”. Ser humano significa ser por meio de outros. (DIRK J. LOUW, 2010) entrevista disponível em: http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=353. Acesso em 22 jun. 2018.

inerentes a esse processo, novas perspectivas frente aos desafios cotidianos contrapondo-se ao isolamento das ações educativas e pesquisas acadêmicas.

Dentro dessa proposta de inter-relação de saberes, a pesquisa colaborativa nasce a partir de demandas de maior interlocução entre os conhecimentos acadêmicos e a realidade do contexto educacional em especial na educação básica. Segundo Ibiapina (2016) a pesquisa colaborativa pretende agregar saberes teóricos e práticos diminuindo, assim, o considerado “fosso” entre os dois contextos. Busca-se essa aproximação de forma que conhecimentos produzidos academicamente coadunem com as práticas docentes e a dialogicidade entre as vivências práticas sejam favorecidas pelos saberes científicos.

De acordo com os estudos de Pérez Gómez (2001) no período entre 1960 e 1980 os estudos com base nas teorias psicológicas comportamentais, experimentais e funcionais norte-americanas tiveram grande influência no campo de pesquisa da formação docente. Nesse processo, Ibiapina (2016) destaca que, nas últimas décadas do século passado as pesquisas na área das ciências humanas e sociais seguiram embasadas nas ideias apresentadas com ênfase na docência, formação e práticas educativas com foco no comportamento e eficiência do professor.

A partir da década de 80 começa-se a pensar na pesquisa com os professores, em vez de se falar sobre eles, adquirindo um caráter mais sociológico. Nesse processo, o professor passa a ser visto como sujeito que tem papel ativo e seus saberes deveriam ser valorizados bem como a partilha de conhecimentos numa coprodução de saberes teóricos mediados pela prática e vice-versa. Considerando a importância desse processo de articulação de saberes este artigo enfatiza alguns subsídios iniciais para compreensão das ideias centrais da pesquisa colaborativa e Pesquisa Crítica de Colaboração elucidando possibilidades para sua implementação. Traremos dentro da proposta do artigo proposições para realização de trabalhos com ênfase na colaboração que possibilitem a transformação nos espaços educacionais em que o pesquisador partilha, propõe mediações e reconstrói conhecimentos.

Na primeira parte abordamos os contextos e características da pesquisa colaborativa e o conceito de colaboração. Na segunda parte exploramos a ênfase às etapas e procedimentos que implicam sua efetivação com foco na proposta da Pesquisa Crítica de Colaboração (PCCol) a partir dos estudos de Magalhães (2016). Na terceira parte enfatizamos o tratamento de dados e algumas possibilidades para elaboração do relatório final. Nas considerações finais trazemos a articulação das abordagens apresentadas explicitando os desafios, possibilidades e contribuições dessa metodologia de pesquisa no espaço formativo educacional.

CONCEITO E CARACTERÍSTICA DA PESQUISA COLABORATIVA EM EDUCAÇÃO

A pesquisa colaborativa embasada em Magalhães (2016) é uma metodologia de pesquisa no âmbito da educação, a qual considera que o conhecimento é construído por meio das interações entre os sujeitos. Dessa forma, buscaram-se transformações por meio de instrumentos que permitem aos indivíduos refletirem sobre os sentidos e significados de suas próprias ações e as dos outros.

Segundo Desgagné (2007) os estudos que enfocam a articulação entre saberes acadêmicos e práticos são amplos e têm como seus principais representantes: Shon (1983, 1997); Paquet, Gilles, Navarre, Gélinier, Du Montcel & Vimont (1991); Saint-Arnaud (1990, 1992); Curry, Wergin Etal (1993). Segundo Gasparotto e Menegassi (2016). Na atualidade segundo Gasparotto e Menegassi (2016), cita entre outros representantes com estudos aprofundados nessa temática: Magalhães (1998, 2002), Magalhães e Fidalgo (2010) e Ibiapina (2008).

O campo vem se estruturando nas últimas décadas e ganhando espaço como possibilidade de construção de saberes e de inter-relações significativas, viabilizando diálogos e trocas possibilitando visões mais ampliadas dos desafios e tensões vivenciados no contexto da educação básica e, concomitantemente, contribuindo para que os saberes acadêmicos não se construam distanciados da realidade escolar. Segundo Ferreira e Ibiapina (2011) na pesquisa colaborativa o projeto do pesquisador precisa estar amalgamado aos objetivos formativos do contexto, partindo das demandas em comum do grupo docente atrelado às questões que o pesquisador almeja responder. Nesse sentido, “[...] a colaboração constitui uma estratégia fundamental para lidar com problemas que se afiguram demasiado pesados para serem enfrentados em termos puramente individuais.” (BOAVIDA e PONTE, 2002, p.43). Frente a inúmeros desafios vivenciados pelos professores e comunidade escolar a

pesquisa colaborativa vem constituir possibilidades em meio a tantas demandas e problemas que permeiam o cotidiano escolar:

Reconhece-se, cada vez mais, a complexidade e a natureza problemática dos processos educativos. São as dificuldades dos alunos em atingir os objectivos curricularmente prescritos, são as dificuldades das instituições escolares em assumirem projectos educativos fortes e em estabelecerem relações profundas de envolvimento com as comunidades onde se inserem, é a imagem degradada que a educação tem hoje nos media e, pior que tudo, é a descrença generalizada na possibilidade de transformar, de modo positivo, esta situação. (BOAVIDA e PONTE, 2002, p.44)

As implicações da pesquisa colaborativa vem ao encontro de inúmeras demandas educacionais nos trazendo expectativas de construções e soluções coletivas. No entanto, as propostas colaborativas não se consolidam de forma natural, é preciso possibilitar esse aprendizado de escuta e partilha de práticas, percepções e perspectivas. Espaços que se constroem por meio da mediação de conflitos e ideias e do respeito aos processos de cada membro, considerando essas premissas, para colaborar é preciso aprender. Segundo Boavida e Ponte (2002) colaborar e cooperar são conceitos com propostas diferentes: cooperação relaciona-se com propostas coletivas de trabalho, há relações hierárquicas de poder definidas e nesse processo há vozes e opiniões que prevalecem sobre as outras, ou seja, nem todos podem opinar ou se posicionar honestamente frente às propostas de trabalho instituídas. Conforme Cadório e Veiga (2013) as concepções de pesquisa colaborativa e cooperativa se diferem a partir do grau de autonomia dos membros do grupo. Na pesquisa colaborativa o pesquisador precisa minimizar as relações hierárquicas, garantindo espaços democráticos com maior fluidez de opiniões para que a proposta da pesquisa contemple, da melhor forma possível, as reais demandas do grupo.

Considerando esse caráter dialógico o referencial teórico-metodológico que embasa a pesquisa colaborativa, fundamenta-se na filosofia marxista, no arcabouço do materialismo histórico dialético, que considera que as mudanças na vida do indivíduo advém das mudanças históricas e materiais, assim como, o indivíduo também interfere nesse processo de transformação. Ao mesmo tempo em que o sujeito transforma, também sofre transformações, sendo o protagonista da construção de sua própria realidade. A pesquisa colaborativa articula-se em espaços que garantam as interações entre os sujeitos, fundamentando-se na perspectiva sócio-histórico-cultural Vygotsky (1991); Leontiev (1977) e Bakhtin (2002) que compreendem o sujeito considerando sua história, cultura e sociedade a partir das condições reais de sua existência, do qual procedem seus processos, assim como, através da interação de uns com os outros, os sujeitos se constituem mutuamente por meio de suas vivências sociais e culturais. Em outras palavras, o foco principal é a historicidade do sujeito, seu meio social e cultural, a compreensão de suas ações na interação dialética dos mesmos com o mundo, através da linguagem.

Dessa forma, as pesquisas intervencionistas, aqui com ênfase na pesquisa crítica de colaboração, considerando a relação entre os sujeitos, sua historicidade e contextos que estão inseridos, produzem relações colaborativas e transformadoras dentro do binômio pensar- agir. Segundo Magalhães (2007), a pesquisa crítica de colaboração possibilita ao pesquisador a observação do cotidiano e o contato direto com os participantes, criando situações para que se desenvolvam ações conjuntas viabilizando intervenções formativas. Os discursos se configuram em suas tensões e dialogicidades buscando criar ambientes de aprendizado, reconstrução de ideias e possibilidades a todos os envolvidos.

De acordo com Ninin (2013) a colaboração está pautada em indagações que partem de fatos concretos, é ampliada através da prática na produção, reorganização e avaliação que viabilizam o questionamento de sentidos, é um processo de negociação, pois exige que os indivíduos ouçam uns aos outros, compartilhem pensamentos, se posicionem em concordância ou discordância, fortaleçam e aprofundem a discussão, tragam novas temáticas para esse processo. Assim, conforme Santos e Magalhães (2016) a postura questionadora dos sujeitos para si e para outro traz a contradição das relações dialéticas, pois ao colaborar geram-se conflitos. Estes são fundamentais para reflexão sobre o problema em questão, promovendo a partilha de significados e expandindo a atividade, portanto, explica-se o termo "crítico".

Na Pesquisa Crítica de Colaboração, "[...] o conceito de criticidade implica um olhar sobre si próprio e sobre a *práxis*, que sabemos não é individual, ao contrário disso, acontece em um tempo e espaço sociais e envolve os diferentes participantes" (SANTOS e MAGALHÃES 2016, p. 180). Dessa forma, o agir tem uma intencionalidade relacional entre os envolvidos na pesquisa, para isso se faz necessária

a reciprocidade em caminhar para ações coletivas de fortalecimento em prol da comunidade escolar ao qual o pesquisador se propõe a investigar, partilhar e inter-relacionar saberes.

EIXOS PROCEDIMENTAIS PREDOMINANTES

No processo de construção da pesquisa a partir da proposta de colaboração crítica, segundo Magalhães (2011), a organização da pesquisa e seus encaminhamentos são negociados entre os envolvidos (professores, pesquisador, comunidade escolar), sendo flexibilizados e orientados em acordo com as necessidades vivenciadas nos encaminhamentos das propostas. Nesse processo é necessário, como primeiro passo de pesquisa, a aproximação com o grupo em que se deseja trabalhar por meio da adesão voluntária, para isso é preciso atender a uma demanda formativa, um interesse de aprofundamento de uma dada temática ou possibilidades de resoluções de problemas comuns vivenciados.

Ainda em Magalhães (2016), esta abordagem viabiliza a vivência de ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal) compreendida como um espaço de ação criativa, pautadas na compreensão e transformação por parte dos participantes, decorrentes dos sentidos dados aos conceitos trabalhados com foco no objeto, estes mediados pelas regras, papéis dos sujeitos e divisão do trabalho, permitindo aos mesmos, novas formas de agir e se relacionar:

Esse processo implica em que os participantes assumam riscos, o que desenvolve a responsabilização, a confiança e a interdependência entre eles, além de favorecer a criação das zonas de desenvolvimento proximal mútuas, uma vez que, em esforços colaborativos, aprende-se um com o outro, ensina-se o que se sabe, numa apropriação mútua. (SANTOS e MAGALHÃES, 2016, p.181)

Nesse sentido, todos os participantes são colaboradores de acordo com suas possibilidades frente às atividades coletivas, que consistem em espaços de discussões de participação conjunta, nos quais se expressam ideias, questionamentos, discordâncias, avaliações referentes às teorias que subsidiam as práticas e papéis dos sujeitos. O que não significa que todos os membros possuam as mesmas responsabilidades, o pesquisador assume o papel de articulador dos conhecimentos acadêmicos e teóricos e os demais colaboram a partir de seus saberes práticos e perspectivas.

Segundo Ninin (2013) existem seis princípios que guiam o desenvolvimento da colaboração: *responsividade; deliberação; alteridade; humildade e cuidado; mutualidade e interdependência* que serão explicitados no subtítulo a seguir, no quadro que traz categorias para análise dos padrões de colaboração. Por meio desses princípios, as propostas podem ser articuladas, orientadas e revistas analisando se os percursos da pesquisa seguem norteados, o mais fielmente possível, às propostas colaborativas.

Uma das possibilidades para grupos de estudos no contexto da perspectiva colaborativa são os Ciclos de Estudos Reflexivos que segundo Ferreira (2009) constituem espaços que possibilitam os aprofundamentos necessários, trocas e mediações. Os ciclos de estudos embasados na metodologia da elaboração conceitual de Ferreira (2009) se articulam da seguinte forma: diagnóstico dos conhecimentos prévios; acesso antecipado aos textos; leitura prévia dos mesmos; discussão das ideias centrais dos autores e retomada de aspectos considerados necessários a uma maior compreensão das ideias; comparação dos conceitos emitidos pelos autores, destacando semelhanças e diferenças entre eles; relação das propriedades ou atributos essenciais (necessários e distintivos) do conceito; reelaboração dos conceitos considerando essas propriedades e, como conclusão, a comparação dos conceitos elaborados (prévio e reelaborado). Os ciclos de estudos reflexivos como forma de inserção das temáticas de estudos teóricos possibilitam essa interlocução entre as concepções iniciais e os conhecimentos acadêmicos viabilizando a ampliação do repertório de saberes e avanços nos debates para além das perspectivas vivenciadas.

Considerando as possibilidades apresentadas, nos grupos de pesquisas colaborativas é importante destacar que a possibilidade de igual negociação entre os participantes e pesquisadores, gere situações conflituosas, desencadeie divergências, enfrentamentos que levem o coletivo a não concluir ideias por meio de falsos consensos, mas sim articular teoria-prática de maneira crítica e criativa. Nessa perspectiva, o conflito é uma ferramenta de crítica essencial para o desenvolvimento da colaboração. É preciso compreender as relações de poder que determinam as ações dos indivíduos,

buscando eliminá-las, se possível, ou mesmo diminuir as hierarquizações presentes para que diálogos horizontalizados se efetivem.

TRATAMENTO DOS DADOS E ELABORAÇÃO DO RELATÓRIO FINAL

Para o êxito da pesquisa colaborativa é fundamental que cada participante tenha bem definido o papel que desempenhará e como suas competências e vivências podem ajudar na problemática em foco. Tais princípios, quando organizados em categorias, tendo em vista perguntas e padrões de colaboração podem nortear a análise e interpretação dos resultados. Santos e Magalhães (2016, p.185-186) apresentam um quadro embasado nos seis princípios de Ninin (2013) que podem subsidiar esse processo:

Quadro 1: Categorias para análise de padrões de colaboração, papéis e regras:

Padrão	Papel do Sujeito	Regras de Participação
Responsividade	Comprometer-se com a própria participação do outro em direção ao ato de responder, seja por meio de ação ou de reflexão. Perguntar ou responder implicam considerar a resposta ou a pergunta do outro como artefato mediacional para seu próprio desenvolvimento, implica em envolver-se com a resposta do outro.	Explicitar pontos de vista em busca de articulação com os demais.
Deliberação	Buscar, por iniciativa própria, consensos com base em argumentos. Perguntar implica em saber o porquê de uma dada pergunta feita ao outro (ato consciente), implica na intenção de envolver-se na interação, no jogo pergunta-resposta.	Explicitar argumentos com clareza, fundamentar pontos de vista.
Alteridade	Considerar seu ponto de vista na relação com o ponto de vista do outro. Perguntar implica conhecer o outro nessa perspectiva, o que se pergunta nunca é o que outro não tem como responder. A resposta esperada/solicitada não pode ser pré-estabelecida por quem pergunta.	Articular-se discursivamente nos momentos de interação, distanciando-se de posicionamentos pessoais para compreender os outros
Humildade e cuidado	Abandonar posicionamentos pessoais em prol de interesses coletivos. Perguntar implica considerar-se parte de um grupo e, portanto, considerar conhecimentos e necessidades do grupo.	Acolher e colocar em discussão posicionamentos divergentes.
Mutualidade	Garantir espaços de pronunciamento e participação. Perguntar implica considerar toda e qualquer resposta como meio para impulsionar o pensar. Nessa perspectiva, não há "resposta errada".	Considerar toda e qualquer participação como legítima.
Interdependência	Considerar o caráter essencialmente dialógico e polifônico dos processos interacionais. Perguntar implica considerar seu próprio conhecimento inacabado ou suscetível a mudanças em decorrência das diversas vozes que entrecruzam o discurso dos interlocutores respondentes	Garantir a presença do entrecruzamento das diferentes vozes discursivas nas interações.

Fonte: Santos e Magalhães (2016, p.185-186)

Ressaltamos que existem outras formas para estabelecer as categorias e análise dos dados como as relacionadas a sessões reflexivas, investigação de interação face a face, entre outras. Ibiapina (2008) comenta a respeito do quão complexo e árduo é o processo da escrita acadêmica, não estando isenta a pesquisa colaborativa de tal dificuldade. Entretanto, com o objetivo de derrubar parte das barreiras envolvidas em tal processo – barreiras as quais muitas vezes colocadas pelo próprio pesquisador – e motivá-los à escrita, Ibiapina (2008) sugere alguns passos a serem seguidos na escrita do relatório de determinada pesquisa colaborativa.

O primeiro fator que deve ser levado em consideração, segundo a autora, é a clareza com que se deve expor a questão central do trabalho. A pergunta que norteará/norteou a pesquisa deve aparecer de forma explícita ao leitor. O passo seguinte refere-se a um movimento que deverá ser feito ao longo de todo o texto: deve-se fazer uma imersão sistemática no assunto, de modo a ir expondo ao leitor dados e argumentos que tornem, gradativamente, o objeto da pesquisa algo tangível e compreensível. Ibiapina (2008) elenca as partes que devem compor um relatório de pesquisa colaborativa. São elas: introdução, referencial teórico, desenvolvimento (com seções e subseções) e conclusão.

Na introdução, o autor já deve delimitar o assunto a ser tratado, assim como expor a problemática em que está inserido e definir os conceitos que serão adotados ao longo de toda a pesquisa, com o objetivo de permitir ao seu leitor uma breve “pinçada” a respeito do problema como um todo. Também nesta primeira seção devem ser evidenciados os objetivos da pesquisa e a metodologia adotada que, por sua vez, deverá dialogar com o referencial teórico. O referencial teórico traz ao relatório o que já há de literatura produzida a respeito do objeto em questão (ou, ainda, a respeito das questões que o permeiam) e contribui para que o aspecto da rigorosidade científica seja atendido. A seção destinada ao desenvolvimento pode conter seções e subseções que, assim como explica Ibiapina (2008, p. 101), “[...] descrevem, analisam e interpretam as informações obtidas na pesquisa, sendo que essa é considerada como a principal parte do artigo”, já que traz toda a apresentação e análise de dados (à luz, é claro, do referencial teórico exposto anteriormente, que contribui para a legitimação de tais interpretações). E, por fim, a conclusão, parte na qual se retomam os objetivos que haviam sido levantados na introdução e, se propõe a responder a(s) pergunta(s) que havia(m) sido apresentada(s) já na primeira parte do relatório.

Cabe também mencionar que no relatório de pesquisa colaborativa, assim como em qualquer outro tipo de o relatório que se refira à pesquisa acadêmica, é de responsabilidade do autor fazer-se entender e facilitar ao seu leitor a compreensão de seu objeto e a legitimação de suas interpretações, alcançadas através da observação e cumprimento dos três eixos que devem nortear a pesquisa acadêmica: a radicalidade, a rigorosidade e a visão de conjunto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões apresentadas destacam que pesquisas de âmbito colaborativo podem trazer ricas contribuições tanto às vivências das práticas educacionais, quanto ao campo acadêmico. Por meio dessa concepção de pesquisa, podem-se revisitar as ações cotidianas em busca das transformações e melhorias dos contextos. Cabe ao pesquisador a clareza de seu papel diante da proposta e não possuir uma visão enrijecida frente aos processos de pesquisa que serão articulados em acordo com as demandas e possibilidades do grupo ao qual está inserido. Mediar e dar sentido às tensões vivenciadas é outra atribuição desse pesquisador que precisa compreender que a manifestação das ideias divergentes podem ser ricas oportunidades de amadurecimento do grupo e conseqüentemente de encaminhamentos da pesquisa.

Evidenciamos que a Pesquisa Crítica de Colaboração exige um forte nível de engajamento e compromisso com a comunidade escolar dentro do escopo das questões orientadoras de sua proposta investigativa. Aos que acreditam que os saberes acadêmicos devem estar em consonância com as vivências docentes e estas devem ser embasadas pelos conhecimentos científicos, a pesquisa colaborativa viabiliza caminhos e indica possibilidades. Para a concretização desse desafio, no contexto em que as problemáticas nos espaços escolares se agigantam e se reconfiguram rapidamente exigindo dos atores envolvidos novas estratégias de atuação, essa metodologia nos apresenta alternativas trazendo as ações coletivas ao centro do processo.

Tratando-se de um enfoque qualitativo que envolve relações humanas de forma dinâmica e que no contexto colaborativo traz inquietações e mobilizações que se contrapõe ao comodismo, nem sempre as expectativas das soluções e transformações almejadas se concretizam ou são perceptíveis devido às inúmeras variáveis que compõe o processo. No entanto, por meio dessas mobilizações, aprendizados serão construídos e posicionamentos poderão ser repensados ou revisitados orientados pela ação na reflexão e pela reflexão na ação. Considerando a riqueza de interações que as concepções colaborativas nos trazem, até mesmo fora do contexto metodológico, a proposta colaborativa pode ser uma concepção orientadora de ações visando ao fortalecimento de grupos que desejam agir

colaborativamente e ouvir e valorizar as diferentes vozes, visando à partilha de saberes em contraposição ao isolamento.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. (Volochinov) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução: Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BOAVIDA, A M; PONTE, J. P. *Investigação colaborativa: Potencialidades e problemas*. In GTI (Org), *Refletir e investigar sobre a prática profissional* (p. 43-55). Lisboa: APM, 2002.
- CADÓRIO, L. e VEIGA, S. *Mudanças nas concepções e Práticas dos professores*. Edições Vieira da Silva, 2013.
- DESGAGNÉ, Serge. *O conceito de pesquisa colaborativa: A ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos*. Université Laval, Québec-Canadá. Tradução Adir Luiz Ferreira Margarete Vale Sousa Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Revista Educação em Questão, Natal, v. 29, n. 15, p. 7-35, maio/ago. 2007. Disponível em: <http://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/4443/3629> . Acesso em 30 jun. 2018.
- FERREIRA, M. S. *Buscando caminhos: uma metodologia para o ensino-aprendizagem de conceitos*. Brasília: Liberlivro, 2009.
- FERREIRA, M.S.; IBIAPINA. I. M. L. M. A pesquisa colaborativa como espaço formativo. In: MAGALHÃES, M. C. C.; FIDALGO, S. S. (Org). *Questões de método e de linguagem na formação docente*. São Paulo: Mercado das Letras, 2011, p.119-140.
- FREITAS, M. T. A. *A abordagem Sócio-Histórica como orientadora da pesquisa qualitativa*. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, n. 116, p. 21-39, jul. 2002. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/555/555>. Acesso em 30 jun. 2018.
- GASPAROTTO, D. M.; MENEGASSI, R. J. *Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente*. Perspectiva, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/39571-166191-1-PB%20\(7\).pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/39571-166191-1-PB%20(7).pdf) . Acesso em 30 jun. 2018.
- IBIAPINA, I.M.L.de M. *Pesquisa colaborativa: Investigação, formação e produção de conhecimentos*. Brasília/DF: Liber Livro Editora, 2008.
- IBIAPINA, I.M.L.de M.; BANDEIRA, H.M.M.; ARAÚJO, F.A.M. (Orgs.). *Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes*. Teresina/Piauí: EDUFPI, 2016.
- LEONTIEV, A. N. *Activity and Consciousness 1977*. Disponível em <http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1977/leon1977.htm>. Acesso em 19 jun. 2018.
- MAGALHÃES, M. C. C. Pesquisa crítica de colaboração: escolhas epistemo–metodológicas na organização e condução de pesquisas de intervenção no contexto escolar. In: MAGALHÃES, M.C.C.; FIDALGO, S.S. (orgs.). *Questões de método e de linguagem na formação docente*. Campinas: Mercado das Letras, 2011, p.13-40.
- MAGALHÃES, M. C. C. Por uma prática crítica de formação contínua de educadores. In: FIDALGO, Sueli Salles; SHIMOURA, Alzira da Silva. *Pesquisa crítica de colaboração: um percurso na formação docente*. São Paulo: Ductor, 2007.
- NININ, M. O. G. *Da pergunta como ato monológico avaliativo à pergunta como espaço para expansão dialógica*. Uma investigação à luz da Linguística aplicada sobre modos de perguntar. São Carlos: Pedro & João, 2013.

PERÉZ-GOMÉZ, A. I. *A Cultura Escolar na sociedade neoliberal*. Tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

SANTOS, J. O.de C. MAGALHÃES, M. C. C. Padrões de colaboração nas relações entre alunas e professora em sala de aula na discussão sobre o gênero “notícia”. In: IBIAPINA, I.M.L.de M.; BANDEIRA, H.M.M.; ARAÚJO, F.A.M. (Orgs.). *Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes*. Teresina/Piauí: EDUFPI, 2016.

VYGOTSKY, L.S. (1934). *A formação social da mente*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Recebido em: 10.02.2018

Aprovado em 10.04.2018